

URBANIZAÇÃO PERIFÉRICA COMO PRODUTORA DE NOVOS LUGARES TEÓRICOS E PEDAGÓGICOS: a experiência do PERIFAU–LADU

Por Cláudio Ribeiro, Rosângela Cavallazzi, Lígia Ferreira, Giulia Panno, Paula de Souza, Lucas Fontes⁷⁰

Introdução

Ao longo do século XX parte significativa do mundo experimentou, de maneira contraditória, diversa e brutal, um salto de urbanização que ocorreu paralelamente ao aumento da produção industrial (LEFEBVRE, 2004), nunca antes igualado em qualquer período histórico anterior, seja por sua abrangência geográfica, seja por sua velocidade de disseminação. Os impactos desta urbanização são percebidos em diversas facetas das relações sociais, inclusive, na forma de produzir ciência que se compartimenta cada vez mais em diferentes campos de estudo, dentre eles o do urbanismo que, à sua maneira, constrói um saber e prática específicos a respeito da produção, transformação e conformação do espaço urbano.

Produzir teoria a partir do urbanismo é um desafio que parte das ciências sociais aplicadas têm assumido nas últimas décadas. Esta produção historicamente se constitui a partir de uma premissa metodológica em que o próprio urbanismo existe em relação com demais saberes desde sua fundação. No entanto, como técnica de intervenção social, a prática dos urbanistas estimulará, cada vez mais, uma parcelaridade que acarretará em uma *perversão das ciências* (SANTOS, 2012) que afasta o conhecimento produzido de uma função social, diminuindo a autonomia do próprio fazer científico.

O Brasil foi o país que teve umas das mais intensas urbanizações do século XX. Sobretudo, uma urbanização que possui características específicas que a destacam da urbanização clássica dos países centrais (SANTOS, 2002). Este processo, ao mesmo tempo, possui uma aproximação com a urbanização contemporânea em processo na maioria dos países do mundo que, em conjunto, conformam a sociedade periférica do capitalismo.

Compreender as especificidades desta urbanização, produzindo elementos teóricos capazes de gerar novas questões que revelem uma relação mais consistente, crítica e próxima entre a práxis do urbanismo e seu objeto real de intervenção, isto é, a cidade do capitalismo periférico orientada por uma modernização dependente, sendo esta uma tarefa cada vez mais necessária e urgente. O material existente a respeito desta urbanização, apesar de possuidor de reconhecida qualidade e rigor, ainda é

⁷⁰ FAU-UFRJ: claudiორibeiro@yahoo.com.br; rosangela.cavallazzi@gmail.com; ligia.daniela.ferreira@gmail.com; garpanno@gmail.com; paula.souza@ufrj.abea.arq.br; lrzfontes@gmail.com

insuficiente diante da complexidade e da dinâmica transformadora do próprio objeto em tela: quais são as teorias produzidas na periferia e semiperiferia do capitalismo que podem estabelecer um diálogo, não mediado diretamente pelo centro, e que seriam capazes de alimentar este campo profissional com novas questões urbanas que produzissem novos problemas ou novas soluções para a urbanização que está ainda mais rapidamente avançando pelo mundo?

Para contribuir com esta produção, é necessário que a academia assuma a tarefa complexa de produção e disseminação de teorias, além da formação de sujeitos sociais que dialoguem, em sua formação enquanto pesquisadoras e pesquisadores, com este campo e sob uma perspectiva crítica contra-hegemônica.

Objetivos

Este breve artigo traz a experiência recente de trabalho de pesquisa e da metodologia desenvolvidas pelo Coletivo de estudos sobre Urbanismo e Periferia (PERIFAU)⁷¹, que integra o Laboratório de Direito e Urbanismo do PROURB/FAU (LADU)⁷². Tomando como tarefa uma aproximação da crítica realizada nos parágrafos de introdução deste texto, o PERIFAU tem procurado pensar e praticar formas de ensino, pesquisa e aprendizagem relacionadas ao conhecimento, divulgação e síntese de teorias sociais que ofereçam abertura de trabalho capaz de estimular pensamentos autônomos a respeito da urbanização e do urbanismo brasileiros.

De maneira experimental, sua pesquisa desenvolve, desde 2012, estudos sobre especificidades urbanísticas da produção de espaço nas cidades periféricas a partir de premissas teóricas de textos e autores clássicos que, muitas vezes, são pouco debatidos no campo específico da Arquitetura e do Urbanismo. O primeiro contato se deu a partir da obra do diálogo construído com a obra do geógrafo Milton Santos de modo a estabelecer chaves de sentido que promovam um diálogo entre as diferentes formas de pensar e intervir no espaço, focando em uma perspectiva de aproximação do urbanismo com as demais ciências sociais aplicadas que dialogam com a produção espacial.

O resultado desta investigação teórica alimenta a produção de material de divulgação do conhecimento acumulado durante a pesquisa. Para isto, visando uma articulação aprofundada com o ensino–e avaliando a necessária aproximação dos estudantes de graduação de arquitetura e urbanismo com teorias de outras áreas da ciências sociais, o coletivo se volta à linguagem audiovisual tendo como desafio tanto a tradução deste acúmulo teórico como a descoberta de uma nova forma de sedimentação deste conteúdo, que permite realizar ligações teóricas imprevistas que, caso utilizassem apenas a linguagem escrita, não ficariam tão evidentes.

⁷¹ Visitar: <https://perifau.wordpress.com/>

⁷² Visitar: <https://direitoeurbanismo.wordpress.com/>

Esta opção pelo audiovisual parte do entendimento de que, durante o ensino de graduação de arquitetura e urbanismo, existe uma necessária, e sedutora, aprendizagem de linguagem de representação do espaço que parte de princípios relacionados com a tradução de uma síntese de problematização concreta a partir de recursos de desenho como maneira preponderante de representação, crítica e apreensão da realidade. Esta aprendizagem não pode ser descartada, mas tampouco pode servir de afastamento com outras formas de linguagem, como a produção escrita. conjugar o interesse entre estas duas linguagens é um desafio que tem sido travado a partir da produção das sínteses de “tradução audiovisual” construídas pelo Coletivo.

Este enfrentamento teórico metodológico tem produzido, dentro do próprio grupo de pesquisa, uma forma peculiar de interpretação, debate e aprendizagem de conceitos que é aprofundada a partir do processo de construção das peças audiovisuais.

Metodologia

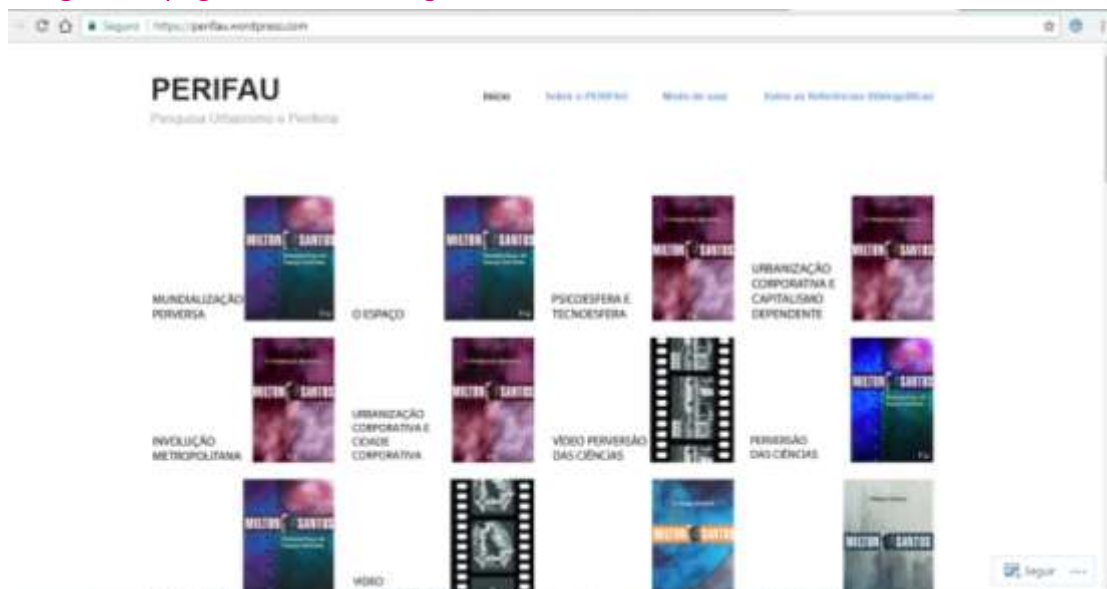
A pesquisa original do grupo, direcionada a encontrar “lugares teóricos de renovação pedagógica”, iniciou a produção de uma revisão bibliográfica cuja sistematização resultou em plataforma digital que disponibiliza uma sistematização de conceitos de parte da obra de Milton Santos.—Sobretudo, utiliza—o meio audiovisual como ferramenta de divulgação de possíveis traduções de seus conceitos, apresentadas, como já foi referido, em animações digitais que dialogam com o urbanismo e que, ao mesmo tempo, tornaram-se uma importante ferramenta metodológica de movimentação do pensamento.

Este processo de trabalho renovou, também, a problemática de investigação do coletivo de pesquisa que tem sido aprofundada desde 2015 e que consiste no estabelecimento de diálogos teóricos, trazendo autores clássicos do pensamento social brasileiro. Da perspectiva de análise baseada no diálogo teórico periférico, principalmente no que se refere aos autores Milton Santos e Florestan Fernandes, trouxe-se a ênfase atual da pesquisa: o estudo da produção do espaço periférico no âmbito da modernização promovida pelo capitalismo dependente. Para tal, duas frentes de trabalho tornaram-se preponderantes: a primeira que se debruça sobre a leitura e sistematização dos conceitos e a segunda que cuida da tradução e expressão, assumindo neste processo o papel enquanto guia desta leitura.

O caminho metodológico, que historicamente foi construído, parte da sistematização de conceitos extraídos da leitura crítica e coletiva de obras do geógrafo Milton Santos. Esta sistematização consistiu em etapa estruturante do trabalho realizado, que possibilita não apenas a consulta, mas a geração de relatórios cruzados de informações referentes às obras. Tal processo teve como resultado a montagem de um quadro de costura teórica (ANEXO 1), onde, já na fase de expressão, pretende-se correlacionar as chaves de ideia que os diferentes autores selecionados procuraram estabelecer nos processos da urbanização do território periférico, cada qual com a ênfase e

perspectiva específica de seu campo de estudo, a fim de promover tanto a costura quanto a sobreposição correlacional e cumulativa destas perspectivas teóricas. Esta etapa foi concebida para que os resultados da pesquisa não fossem apenas uma exaustiva listagem de obras de referência, mas sim um produto dinâmico capaz de ajudar a estabelecer leituras cruzadas por critérios definidos que possibilitem novos olhares sobre obras clássicas. Estes conceitos sistematizados são organizados em plataforma eletrônica digital⁷³, de livre acesso, em formato de blog, que serve como ferramenta de alimentação de outras pesquisas, seja por parte de alunos de graduação e pós-graduação, seja por qualquer indivíduo que se interesse pela teoria acerca da cidade periférica, seu processo de formação e pela obra teórica de Milton Santos. Abaixo segue a página inicial do *blog*, onde estão dispostos os trabalhos já realizados:

Imagem 1 - página inicial do blog.



Disponível em: <<https://perifau.wordpress.com/>>. Acesso em: 02/11/2017.

Paralelamente e correlacionado ao processo de sistematização de conceitos e de alimentação da plataforma digital, desenvolve-se a proposta de tradução dos conceitos em material audiovisual.

Esta tradução pretende resolver diversas questões de forma simultânea. Em primeiro lugar, a necessária ruptura com a produção parcelar de saberes, uma tarefa relacionada ao reconhecimento de que a produção teórica a respeito do urbanismo consiste, em boa parte, no diálogo técnico a respeito das maneiras de intervenção no tecido urbano que, muitas vezes, acaba por se isolar de disciplinas oriundas de campos não diretamente relacionados à arquitetura e urbanismo.

⁷³ Blog do Perifau: <https://perifau.wordpress.com/>

Esta ruptura é evidenciada, de forma hegemônica, no campo de ensino e aprendizagem de arquitetura e urbanismo que, cada vez mais, estabelece um diálogo endógeno orientado, de maneira mais ou menos intencional, pelas demandas oriundas do campo profissional referenciado pelo mercado. Neste viés, Milton Santos identifica a reprodução “de um saber instrumentalizado, em que a metodologia substitui o método” (SANTOS, 2012, p.22) como um fenômeno por ele denominado como *perversão das ciências*.

Em segundo lugar, a opção pelo audiovisual parte de uma experimentação que considera que a produção de saberes oriundos das ciências sociais aplicadas que tem na linguagem escrita seu suporte tradicional podem ser representados em outras linguagens. O audiovisual surge como uma possibilidade de aprofundamento da compreensão do conteúdo estudado e da sua forma de representação, criando um desafio próximo ao modo constituinte da profissão de arquitetura e urbanismo (síntese gráfica de uma apreensão da concretude), transferido para a pesquisa e ensino/aprendizagem do mesmo campo: como sintetizar graficamente conteúdo e conceitos das ciências sociais em diálogo com o campo da produção do espaço?

Esta experimentação consegue, a partir de seu processo de produção, atingir pelo menos três objetivos muito importantes para o amadurecimento do coletivo de pesquisa, transformando seus próprios objetos e objetivos de maneira muito dinâmica:

1. produzir um entendimento mais aprofundado dos conceitos e conteúdos estudados, amadurecendo a formação das e dos pesquisadoras e pesquisadores envolvidos no processo. A realização dos pequenos vídeos exige, das e dos participantes, uma profunda compreensão do sentido dos conceitos estudados, o que é causa e consequência do processo de construção da história a ser contada pelo breve produto audiovisual;
2. ampliar a possibilidade de diálogo entre este conteúdo das ciências sociais com um público que está em franco processo de aprendizagem relacionado com a área da representação gráfica. A divulgação de conteúdo dentro do campo da arquitetura e urbanismo requer uma compreensão de que a parcelarização da aprendizagem ocorre, também, pelo entendimento de que a produção científica, de qualquer campo, terá melhor suporte apenas na linguagem escrita. Desconfiar deste senso comum também faz parte da necessária aproximação dos saberes produzidos no campo da arquitetura e urbanismo, que, escondendo-se no isolamento da linguagem, não dialogam com demais áreas dos saberes;
3. Um terceiro objetivo alcançado é a renovação de conteúdos para a pesquisa. A produção audiovisual é realizada pelo próprio grupo de pesquisa como vídeo

de animação e disponibilizada ao público através de canal próprio do *youtube* e no *blog* do coletivo. Seja através do aprofundamento dos conteúdos acadêmicos debatidos e compreendidos através da construção dos produtos audiovisuais, seja pela própria demanda de aprendizagem de novas técnicas de produção e linguagens de representação, a metodologia de estudo científico através da produção de vídeos de animação tem sido capaz de manter uma necessária fertilidade de idéias dentro do coletivo.

A respeito deste último item, é importante ressaltar que os conceitos escolhidos para serem trabalhados de maneira mais destacada a partir da produção do conteúdo audiovisual guarda uma relação permanente com a possibilidade de relacionamento a fenômenos urbanos contemporâneos. É a partir da capacidade de tradução de fenômenos contemporâneos que cada conceito estudado apresenta ao coletivo a necessidade de realização da tradução audiovisual. A *verticalidade* de Milton Santos, por exemplo, foi escolhida por ser um conceito muito importante para ajudar na compreensão de fenômenos urbanos que ocorriam em 2012 e 2013, na cidade do Rio de Janeiro (mas não apenas nela), relacionados a uma coordenação vertical de decisão oriunda da política de urbanismo dos “megaeventos” internacionais. Da mesma maneira, neste mesmo contexto, durante a realização dos jogos da Copa do Mundo, os *dois circuitos* foram bastante férteis para compreender o cotidiano da realização dos jogos, que criavam espaços da cidade onde determinadas práticas tradicionais relacionadas ao futebol não podiam acontecer, refletindo uma programação de capital intensivo sobre tradições cotidianas informais. Por fim, o terceiro vídeo, sobre as *perversões das ciências*, partiu de um entendimento sobre as dificuldades de reprodução de um saber autônomo nas universidades públicas brasileiras, que já vivenciavam um profundo momento de cortes orçamentários, sobretudo, desde 2014.

Este breve relato desta trajetória serve para demonstrar as contradições, encontros e desencontros do trabalho de produção de conhecimento. Foi a partir de um necessário entendimento sobre a história das dificuldades de produção de saberes autônomos (não apenas no campo do urbanismo, mas sempre partido dele) que o coletivo visitou a obra de Florestan Fernandes que acabou por se tornar um interlocutor importante para as próximas etapas de trabalho.

Urbanismo e capitalismo dependente, primeiras aproximações

O PERIFAU tem realizado um diálogo entre autores que contribuíram para o entendimento da história das transformações sociais brasileiras para além do senso comum do dualismo com–autores que se detiveram especificamente na formação sócio-espacial das cidades brasileiras. Inicialmente, o diálogo proposto incorpora: Milton Santos, Florestan Fernandes, Nestor Goulart Reis Filho e Maurício de Abreu. Partindo da divisão cronológica estabelecida por Florestan Fernandes ao situar os padrões de dominação externa na América Latina, o coletivo tem produzido material capaz de auxiliar a produção de delimitadores teóricos que pretendem construir problemáticas específicas para o urbanismo realizado nas cidades da periferia do

capitalismo, possibilitando levantar questões a partir de um contexto diretamente relacionado com a formação urbanística mais próxima das cidades brasileiras e latino-americanas.

Desta maneira, tem sido amadurecida a compreensão do papel do urbanismo na consolidação do espaço do capitalismo e da modernização dependentes, produzindo material científico capaz de estimular novas questões a respeito da atuação profissional do urbanista. A partir de sua inserção social no campo do direito à cidade, com recorte classista, a análise busca contrapor a forma tradicional de compreensão dos problemas urbanos que é costumeiramente realizada a partir de arcabouço teórico que não dialoga, necessariamente, com questões peculiares da formação histórica da própria cidade que receberá a intervenção projetada.

A hegemonia de teorias oriundas de formações sociais diferentes da brasileira, ou que não contemplam algumas especificidades da periferia do capitalismo é comum em diversos campos do saber; isto tem sido estudado de forma crescente pela sociologia da ciência, pela geografia, história, etc, na área cada vez mais consolidada dos estudos decoloniais. Compreender esta relação no campo do urbanismo deve ter um significado específico, pois o resultado da colonialidade do saber também atua de forma direta na intervenção concreta da vida urbana, reforçando, na própria cidade, o poder da colonialidade; dito de outra forma, o urbanismo, aparentemente, tem se tornado cada vez mais uma técnica de soluções para problemas distópicos, e, com isso, cada vez mais gerador de injustiça social, reforçando sua própria colonialidade. Retomar a produção de questões relativas à cidade de modo a aproximar a técnica de intervenção urbana da própria urbe requer da academia, inicialmente, um movimento duplo: primeiro, reconhecer a necessidade desta retomada, e, em segundo lugar, que é onde se encontra esta pesquisa, contribuir na produção de material teórico capaz de realizar esta aproximação.

Neste último ano de trabalho, o grupo de pesquisa se dedicou, como previsto, a leitura e aprofundamento na teoria de Milton Santos, além da inserção de outros autores que dialogam e contribuem para o entendimento do objeto de estudo, a urbanização periférica. Neste processo de ampliação do repertório de autores estudados, encontrou-se destaque na obra de Florestan Fernandes, onde a ênfase na teoria da dependência mostrou-se norteadora na compreensão da dinâmica do território da periferia do capitalismo.

Nas leituras realizadas de Milton Santos, mais especificamente, da obra “Urbanização brasileira” de 1993, compreende-se que o autor apresenta uma síntese da urbanização brasileira à luz de processos sociais, econômicos e territoriais como instrumentos de análise. Na obra, o geógrafo expõe como as transformações sociais e espaciais do Brasil estão intrinsecamente ligadas ao modelo econômico vigente e a produção de um espaço necessário aos grandes capitais. Para isto, o espaço precisa ser informatizado e marcado pelo meio técnico-científico, produzindo assim um novo

resultado espacial que, apesar de diferente dos países hegemônicos, pertence à mesma lógica. Em acréscimo a isto, o autor também elenca como a transformação do modelo econômico dominante altera a dinâmica e conformação do território periférico, revelando suas especificidades, e produzindo atualmente o que o autor chama de cidade corporativa, resultado da fase de dominação externa do capitalismo corporativo ou monopolista, como proposto por Florestan Fernandes (1973). Segundo Santos:

Tal conjunto, [da modernização e suas mudanças econômicas, sociais, políticas e culturais...] formado pelas novas condições materiais e pelas novas relações sociais cria as condições de operação de grandes empresas, nacionais e estrangeiras, que agem na esfera da produção, da circulação e do consumo e cujo papel direto ou por intermédio do poder público, no processo de urbanização e na reformulação das estruturas urbanas, sobretudo das grandes cidades, permite falar de urbanização corporativa e cidades corporativas (SANTOS, 1993).

É notório o extenso diálogo teórico entre Milton Santos e Florestan Fernandes, deste modo, se considerou indispensável o aprofundamento da pesquisa na obra do sociólogo, iniciado pela obra “Capitalismo dependente e as classes sociais na América Latina” de 1973. Nela, o autor discorre sobre o tipo de dominação externa que os países da América Latina estão atualmente submetidos:

(...) o imperialismo total, que possui como traço específico (...) o fato de que ele organiza a dominação externa a partir de dentro e em todos os níveis da ordem social, desde (...) a transplantação maciça de tecnologia ou de instituições sociais, à modernização da infra e da superestrutura” (FERNANDES, 1973).

Como visto, Fernandes ao apontar a face interna da dominação hegemônica volta seu olhar à repercussão desta no rumo da modernização da infra e superestrutura, processo que Santos associa, como visto anteriormente, à dinamização do território para a acomodação do fluxo de grandes capitais interpretado por ele a partir da consolidação técnica do território. Deste modo, a lógica do capitalismo hegemônico mostra-se dialética ao capitalismo periférico, uma vez que a atuação de um se dá em coordenação à lógica do outro, perpassando todos os níveis da ordem social, tendo como expressão e objeto de análise para ambos os autores o processo de modernização dependente da periferia do capitalismo. Como visto, o território periférico tem sido marcado pelo ideal de modernização hegemônico, tendo seu processo de urbanização sido reflexo desta transplantação de tecnologias e instituições sociais.

Tendo em vista a pertinência desta condição no reflexo da urbanização no contexto da manutenção da dependência, torna-se fundamental aprofundar o diálogo entre estes autores clássicos, mas também ampliando as fontes, na direção de construção de sínteses interdisciplinares que alimentem a compreensão do urbanismo como técnica produtora de modernização dependente. A realização da autonomia de saberes, que deve ser considerada inclusive na busca por esta autonomia, deve incluir, no campo do

urbanismo, a abertura para novos problemas urbanos relacionados ao caráter periférico e heterônimo de conformação destes territórios. A trajetória que o Coletivo PERIFAU⁷⁴ apresentou brevemente neste artigo não deve ser encarada como algo definitivo e tampouco definidor de um campo crítico único, muito pelo contrário, espera-se que seja encarado como um convite ao diálogo por novas interpretações no caminho da autonomia que se tornam, cada vez mais, necessárias diante da crise da urbanização contemporânea.

Referências

FERNANDES, Florestan. *Capitalismo dependente e classes sociais na América Latina*. São Paulo: Global, 2009.

LEFEBVRE, Henri. *A revolução urbana*. 2 ed. Belo Horizonte: UFMG, 2004. 178p.

SANTOS, Milton. *A urbanização brasileira*. São Paulo: EDUSP, 2002

SANTOS, Milton. *Metamorfoses do espaço habitado: fundamentos teóricos e metodológicos da geografia*. 6. ed. São Paulo: EDUSP, 2012.

Anexos

Anexo 1- Quadro de costura teórica

VERSÃO →	99	100	101	102	103	104	105	106							
FAZES →	1ª fase			2ª fase			3ª fase								
ARTÍCULOS ↓															
<p>Articulação teórica em "Tensões urbanas: dependente e des- dependente ou não dependente?"</p>	<p>Para Florestan, a 1ª fase de desenvolvimento do capitalismo dependente é a cost dependente ao sistema básico de industrialização e de distribuição entre a região e o exterior. O fator mais importante são os recursos, tecnológicos e humanos, e a produção nas áreas periféricas dependentes é o resultado direto da integração da região ao mercado mundial. Logo, o modo de produção da região de dependência é a reprodução da estrutura do capitalismo mundial. Segundo ele, na dependência de recursos ao comércio exterior, a região se encontra em uma situação de dependência e não de produção. Uma condição de dependência e não de produção, uma situação de dependência e não de produção.</p>			<p>A 2ª fase se constitui a partir do início da integração da região ao mercado mundial, em fase de urbanização dependente. Segundo Florestan, a 2ª fase é a dependência da região ao mercado mundial, em fase de dependência. A dependência da região ao mercado mundial é o resultado da integração da região ao mercado mundial. Logo, o modo de produção da região de dependência é a reprodução da estrutura do capitalismo mundial. Segundo ele, na dependência de recursos ao comércio exterior, a região se encontra em uma situação de dependência e não de produção. Uma condição de dependência e não de produção, uma situação de dependência e não de produção.</p>			<p>3ª fase: é a fase que começa a partir da integração da região ao mercado mundial, em fase de dependência. Segundo Florestan, a 3ª fase é a dependência da região ao mercado mundial, em fase de dependência. A dependência da região ao mercado mundial é o resultado da integração da região ao mercado mundial. Logo, o modo de produção da região de dependência é a reprodução da estrutura do capitalismo mundial. Segundo ele, na dependência de recursos ao comércio exterior, a região se encontra em uma situação de dependência e não de produção. Uma condição de dependência e não de produção, uma situação de dependência e não de produção.</p>			<p>4ª fase: é a fase que começa a partir da integração da região ao mercado mundial, em fase de dependência. Segundo Florestan, a 4ª fase é a dependência da região ao mercado mundial, em fase de dependência. A dependência da região ao mercado mundial é o resultado da integração da região ao mercado mundial. Logo, o modo de produção da região de dependência é a reprodução da estrutura do capitalismo mundial. Segundo ele, na dependência de recursos ao comércio exterior, a região se encontra em uma situação de dependência e não de produção. Uma condição de dependência e não de produção, uma situação de dependência e não de produção.</p>			<p>5ª fase: é a fase que começa a partir da integração da região ao mercado mundial, em fase de dependência. Segundo Florestan, a 5ª fase é a dependência da região ao mercado mundial, em fase de dependência. A dependência da região ao mercado mundial é o resultado da integração da região ao mercado mundial. Logo, o modo de produção da região de dependência é a reprodução da estrutura do capitalismo mundial. Segundo ele, na dependência de recursos ao comércio exterior, a região se encontra em uma situação de dependência e não de produção. Uma condição de dependência e não de produção, uma situação de dependência e não de produção.</p>		
<p>Milton Santos em "A urbanização brasileira"</p>															
<p>Alfredo Guinle</p>															

⁷⁴ O coletivo está, neste momento, finalizando seu quarto vídeo cujo tema é “Urbanização corporativa e modernização dependente”, que sintetizará parte do diálogo possível entre Milton Santos e Florestan Fernandes à luz dos processos recentes de urbanização da metrópole carioca.